

Espaços e eventos de leitura em Pelotas (RS) no final do século XIX: a Bibliotheca Pública Pelotense

Renata Braz Gonçalves

Doutora em Educação pela
Universidade Federal de Pelotas

Professora do Curso de
Biblioteconomia do Instituto de
Ciências Humanas e da
Informação da Universidade
Federal do Rio Grande

renatabraz@furg.br

Resumo: O artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa documental mais ampla que buscou investigar discursos e representações sobre a leitura registrados pela imprensa pelotense no final do século XIX. As fontes consultadas foram jornais noticiosos, caricatos e literários publicados em Pelotas no período de 1875 a 1900. Foi identificado um movimento de criação de uma Biblioteca pública que atendesse aos anseios da comunidade por cultura e instrução. Aspectos relacionados à criação, manutenção e valorização dessa biblioteca são abordados no texto. Conclui-se que essa biblioteca foi e continua sendo uma das principais instituições culturais da cidade de Pelotas e do país, tanto pelo acervo que guarda quanto pela sua participação na história da leitura nacional.

Palavras-chave: História da Educação. História da Leitura. Bibliotecas Públicas. Pelotas (RS)

Este texto tem por finalidade apresentar parte dos resultados de pesquisa mais ampla (GONÇALVES, 2010) que buscou identificar que discursos e representações sobre a leitura foram registrados pela imprensa pelotense no final do século XIX, período caracterizado pela “opulência e cultura” da cidade (MAGALHÃES, 1993; PERES, 1995; LONER, 2002). Ao longo da pesquisa foram identificados locais e eventos públicos de leitura, dos quais se destacam a Bibliotheca Pública Pelotense e as Associações Literárias. A presente comunicação buscará centralizar a discussão nos aspectos relacionados à criação, objetivos e formas de funcionamento da Bibliotheca Pública Pelotense.

Bibliotecas públicas, bibliotecas associativas e bibliotecas populares

Schapochnik (2005) caracterizou as bibliotecas em três modalidades: bibliotecas públicas, bibliotecas associativas e bibliotecas populares. Segundo o autor, dois modelos biblioteconômicos definiam as bibliotecas públicas naquele momento criadas: o modelo anglo-saxônico, vinculado ao espírito associativo, favorecia uma rede de bibliotecas com objetivos determinados (religiosos, morais, filantrópicos); e o modelo francês, que caracterizava a biblioteca como um lugar aberto ao público de forma gratuita e com horário fixado. De acordo com o autor, tanto o horário quanto as instruções normativas desses espaços eram determinados de acordo com o público a eles destinados.

A primeira modalidade de biblioteca era de responsabilidade do estado, que atribuía a essas instituições "a função de conservação do acervo e a difusão do saber acumulado quase que exclusivamente a uma audiência constituída por eruditos e estudiosos locais" (SHAPOCHNIK, 2005, p.234).

A segunda modalidade era constituída pelos gabinetes de leitura ou bibliotecas associativas. Lugares de caráter privado e, em muitos casos, custeados por comunidades estrangeiras radicadas em terras brasileiras. Essas bibliotecas e gabinetes constituíam-se em espaços masculinos de sociabilidade. Todavia, o empréstimo de livros favorecia as práticas de leitura domésticas, às práticas de leituras femininas.

De acordo com o mesmo autor, uma terceira modalidade, implantada no Brasil a partir de 1870, foi chamada de biblioteca popular. Instituição pública, aberta a todo tipo de leitor. Entretanto, esse espaço legitimado de leitura era muitas vezes visto como moralizador e civilizador, uma vez que o acervo que o constituía estava vinculado à complementação da instrução elementar. A biblioteca popular acabava, nesse caso, reforçando "o papel delegado" à escola. Esse espaço de leitura era mantido por iniciativa de particulares (lojas maçônicas, letrados, negociantes, simpatizantes do abolicionismo, grupos políticos) com auxílios municipais e provinciais.

Segundo a classificação exposta por Shapochnik (2005), pode-se dizer que a BPP teria as mesmas características das bibliotecas que compunham a terceira modalidade de bibliotecas implantadas

no Brasil a partir de 1870, denominadas de bibliotecas populares. A Bibliotheca não foi criada para ser um repositório, a exemplo de outras bibliotecas públicas que se formaram (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005), mas foi concebida para ser um “templo de luz” (PERES, 2002), com função similar ao que seria uma escola. Para os menos favorecidos, a necessidade de instrução poderia ser suprida com a criação de uma biblioteca que forneceria o “pão para o espírito” do artista e do “menino desvalido” (DIÁRIO DE PELOTAS, 04 dez. 1877).

A criação da Bibliotheca Pública Pelotense

A Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) representa um marco na história da leitura e da educação de Pelotas, pois se constitui numa representação da valorização da leitura no município de Pelotas no final do século XIX.

Nos jornais pelotenses publicados durante todo o período estudado, há referências à biblioteca, desde o movimento pela sua criação, passando pela fundação, criação de estatutos, relatórios mensais e anuais, comemorações de aniversários até crises enfrentadas para manutenção da mesma.

Vale salientar que as publicações sobre a Bibliotheca, apesar de serem encontradas em todos os jornais, aparecem em maior frequência no jornal *Correio Mercantil*, o que se justifica pelo mesmo ter sido de propriedade de Antônio Joaquim Dias, um dos sócios fundadores da BPP e maior incentivador de sua criação.

Foram apresentadas várias justificativas para a criação da BPP, dentre elas, a que mais se destaca é a necessidade de instruir o povo. O artigo publicado no jornal *Correio Mercantil* de 10 de novembro de 1875 mostra as primeiras manifestações sobre a criação da Bibliotheca. Esse artigo, além de apresentar uma paráfrase do texto publicado no *Jornal do Comércio* do dia anterior, transcreve o referido artigo, como uma forma de referendar a sugestão de criação de uma biblioteca pública.

Observa-se nos dois artigos uma comparação entre Pelotas e outras cidades, como Porto Alegre e Rio Grande, em virtude de já possuírem bibliotecas e gabinetes de leitura. Essa comparação pode ser observada nos excertos:

É tempo já de Pelotas imitar o exemplo de outras cidades, e nossa pujante mocidade dar cópia incontestesvel e patente de uma illustração e intelligencia.

(JORNAL DO COMMERCIO, 9 nov. 1875)

Porto Alegre, Rio Grande e quase todas as localidades do interior do sul da provincia já de há muito possuem soberba bibliothecas e florecentes sociedades que offerecem uma instrução fácil e econômica a todos quantos cultivam o espirito e acompanham o progresso da civilisação.

Só Pelotas, a mais rica cidade da provincia, não possui nem uma bibliotheca, nem uma sociedade litteraria, nem um gabinete de leitura regularmente organizado. Esta indiferença é prejudicial aos creditos e adiantamento da população.

(CORREIO MERCANTIL, 10 nov. 1875)

Os jornais mostravam a insatisfação com o fato de outras cidades já possuírem bibliotecas e Associações Literárias, enquanto em Pelotas nenhuma iniciativa parecia ter sido tomada. O apelo feito à comunidade pelotense era para que se tornasse possível a felicidade, através da instrução, do estudo e de conhecimentos sólidos. O apelo foi feito a pessoas de todos os níveis da sociedade, “sem distinção de classes”.

A falta de uma biblioteca pública era considerada uma lacuna na vida intelectual da sociedade pelotense. Diante desse descontentamento foi realizado um chamamento para que todos contribuíssem com a criação de uma biblioteca.

O Jornal Correio Mercantil, de 14 de novembro de 1875, apelava para que os leitores contribuíssem para a criação de uma biblioteca, justificando com o argumento de que todos que acompanhavam as evoluções do progresso e da atualidade e conheciam as vantagens que resultariam a criação de uma biblioteca pública deveriam contribuir.

Por conta dessa convocação à comunidade para auxílio na construção do prédio da BPP, encontraram-se dezenas de pedidos e convites semelhantes aos seguintes:

Convite

Os obreiros do progresso público, que se interessam pela instrucção de todas as classes sociaes, são convidados para uma reunião que deve ter lugar no domingo próximo, 14 do corrente, às 11 horas do dia, nos salões da prestativa sociedade Terpsychore afim de tratar-se da fundação de uma bibliotheca pública nesta cidade. (CORREIO MERCANTIL, 12 nov. 1875)

Pedimos, pois, à generosa população de Pelotas, um obulo para o edifício da Bibliotheca Pública.
Ao pobre como ao rico, ao artista como ao comerciante, estendemos a mão e imploramos proteção para o espetáculo de hoje.
Não pedimos para nós, pedimos para o progresso e para a instrução. (CORREIO MERCANTIL, 4 jan. 1879)

A mocidade de Pelotas precisa e deve entregar-se aos exercícios da intelligencia. Precisa e deve criar uma sociedade litteraria anexa a uma bibliotheca pública. (CORREIO MERCANTIL, 27 Jul. 1875)

No período que Shapochnik (2005) identificou como o ápice da criação de Bibliothecas no país, em Pelotas, a criação da Bibliotheca era discutida diariamente, a instituição era considerada como o “templo dos livros” e ainda um remédio para os males. Mesmo após quase 20 anos de sua fundação, a biblioteca ainda era vista como “um edifício que guarda o livro - antídoto poderoso contra o estado funesto da ignorância, receptáculo de civilizadores” (CORREIO MERCANTIL, 08 maio 1894).

É importante ressaltar que a criação e construção da Bibliotheca partiram da iniciativa de membros da sociedade e não do governo, e que essa criação foi fruto de intensa campanha que era publicada nos jornais.

As sociedades em Pelotas

[...] Faltarão homens competentes para fundar e sustentar uma sociedade literária, uma bibliotheca pública?

O que falta é a iniciativa, a união da mocidade, o estímulo do estudo, a dedicação ao trabalho, o amor à ilustração. (CORREIO MERCANTIL, 27 Jul. 1875)

Além das manifestações na imprensa, foram realizadas quermesses a fim de angariar fundos para a construção do prédio, assim como livros eram doados pela comunidade para a formação do acervo.

Os bazares de prendas aconteciam frequentemente, e por vezes, eram publicadas as listas de donativos com os nomes dos respectivos doadores. Para o bazar de prendas eram doados utensílios como lenços, louças, arranjos de flores etc. (CORREIO MERCANTIL, 25 maio 1878; 02 jun. 1878; 14 fev. 1879; 13 maio 1882; 22 out. 1885)

Bazar de Prendas

A'S FAMILIAS PELOTENSES

A comissão encarregada da construção do edificio da Bibliotheca Publica Pelotense, necessitando de recursos para continuar aquella importante já bastante adiantada obra, confiada a generosidade das illustres familias pelotenses, recorre novamente á sua valliosa protecção para um bazar de prendas que se deve realisar no Domingo 2 de Março de 1879.

(CORREIO MERCANTIL, 4 jan. 1879)

Havia doações de variadas formas, como, por exemplo, a do carpinteiro Manoel Gomes da Costa Parafita, que ofereceu seis dias de seu trabalho nas obras do edifício da Bibliotheca Pública Pelotense. O jornal Correio Mercantil afirmou que esse tipo de ação foi louvável, “muito mais quando ela parte de um artista” (CORREIO MERCANTIL, 15 set. 1878).

A BPP passou a funcionar em 1876 nos salões térreos de uma propriedade do Coronel João Simões Lopes, o Barão da Graça, posteriormente passou para o prédio que foi construído para abrigá-la definitivamente. Se compararmos a realidade de outras bibliotecas no país, a BPP não passou por tantas modificações de lugar, como generaliza Shapochnik (2005, p.243) quando afirma que houve uma existência errática, pois as bibliotecas foram submetidas a excessivos deslocamentos, “ocuparam as mais distintas instalações que incluíram desde as dependências de um hospital, quartos de hotéis até residências particulares, quando não compartilharam seu edifício e seus funcionários com outras instituições”.

A Bibliotheca e as relações de gênero: discursos femininos sobre a BPP

Na ocasião de fundação da pedra fundamental para construção do prédio da BPP, Angélica Conceição Filha realizou um discurso caracterizado por uma leitura pública, que explicitou o significado que a criação de uma biblioteca trazia para a comunidade.

Em seu discurso, transcrito a seguir, observa-se a manifestação de um discurso positivista que atribui às bibliotecas e escolas o poder de “exterminar” com atitudes e sentimento condenados, como por exemplo, o despotismo, o crime e a intriga.

Nota-se, mais uma vez, a preocupação com o avanço intelectual dos pelotenses, reforçando a concepção de função principal da Bibliotheca, que seria de instruir a população.

Progresso, civilização, luz e instrução, eis o que symbolisa esse pedaço de granito collocado na terra de Pelotas para attestar perante a posteridade a dedicação de seus illustres habitantes pela nobilíssima causa do aperfeiçoamento da humanidade.

Grandioso exemplo de amor ao belo, ao útil e ao sublime!

Erguer monumentos ao trabalho e á instrução, ensinar as classes desprotegidas da fortuna a pensar e sentir, a comprehender seus direitos e deveres, é de certo o que de mais nobre e generoso póde emprehender a iniciativa individual e o que de mais aprazível podem almejar as sociedades modernas.

A instrução é o ideal dos espíritos avançados, a alavanca poderosa que ha de mover as aspirações dos séculos e converter em realidade as esperanças dos povos que se empenham pela liberdade de crenças e ideas perante a igualdade licita de regalias e obrigações.

Quando os altos potentados políticos e sociais comprehenderem esta verdade e se esforçarem no sentido de eleva-la á ordem das doutrinas e ciências positivas, cessarão para sempre as ambições exageradas, as lutas constantes entre a democracia e os fidalgos hereditarios, para predominar a garantia de interesse e o respeito ás posições justamente adquiridas.

Distribui em abundancia - instrução e trabalho ao povo, que depende desses dois elementos de riqueza e felicidade - a firmeza de suas crenças, a consolidação de suas alegrias, o seu amor ás instituições, a homenagem mais sincera de apreço e admiração a tudo quanto se relacione com a virtude, a honra, o patriotismo e a moralidade.

No conchejo intimo da família ou nas relações sociaes, a instrucção é tão necessaria ao espirito como o sol á vegetação e o ar á existencia.

Estudo e saber - eis os possantes motores da perfeição humana.

Estabeleçam-se bibliothecas e escolas por toda a parte; distribuíam-se livros e conhecimentos, que desapparecerão para sempre - o despotismo, o crime, a intriga, a inveja, o fanatismo, as paixões desordenadas e outros tantos sentimentos reprovaveis que se alimentam á sombra da ignorancia sustentada pela especulação dos mais atilados que fazem profissão do atrazo dos povos.

Rebrilhe a luz da instrucção como phanal da actualidade, que o futuro será um hymno de glorias ao progresso, ao bem e a sciencia.

Senhoras e senhores. - protegeei a Bibliotheca Publica Pelotense - Rodeai-a de favores e benevolencias. - Concorrei para que sobre aquella pedra fundamental se erga pujante e beneficente, que tereis prestado o mais assignalado serviço de engrandecimento e aos creditos d'esta cidade.

Da instrucção e do trabalho, depende o progresso, a civilização e a liberdade. (CORREIO MERCANTIL, 10 set. 1878)

O discurso da jovem inicia com as palavras *progresso*, *civilização* e *instrução*. A autora sustenta a necessidade dos altos potentados aderirem à “ordem das doutrinas e ciências positivas”, enfatizando que admira tudo que se relacione com a virtude, a honra, o patriotismo e a moralidade.

Recupera-se a ideia de biblioteca popular, que reforçaria a escola através do incentivo à instrução.

Outro discurso sobre a Bibliotheca foi proferido por Rita Lopes Lobato em 1881, por ocasião da inauguração do novo prédio. Nesse discurso, a jovem repete a mesma representação de leitura

e de biblioteca demonstrada na manifestação de Angélica quatro anos antes, ou seja, as duas mulheres relacionam a criação da biblioteca à causa da instrução. A ideia de progresso oriunda da instrução para a coletividade.

Concerto vocal e instrumental da B.P.P.

Discurso da menina Rita Lobato Lopes

“Permiti que por ocasião de uma festa tão simpática, tão nobre e generosa ao mesmo tempo eu venha também expandir-me nesses votos que vejo e sinto aqui popular em meio de tão brilhantíssimo concurso.

Diz-nos a experiência pela voz da história que um povo inculto jamais consegue levar-se, aparecer nos primeiros planos do vasto cenário da humanidade.

E se não o que vem a ser um povo a revolver-se nas pesadas sombras da ignorância? Um quase que automato, uma aglomeração de indivíduos sem vontade própria, uma tumba que só sabe obedecer, porque ignora os seus direitos, uma população finalmente, falha, do seu mais poderoso auxiliar para desenvolver-se em todos os ramos da atividade do mundo social.

Trabalhar pela causa da instrução é, senhores e senhoras, o maior serviço, a mais inestimável riqueza, o mais fecundo manancial que possamos franquear ao nosso semelhante. Aos benefícios bafejos da instrução tudo progride, tudo se retempera, no fervor dessas intermináveis lutas pela vida e bem estar.

[...]

Este belo edifício em cujo recinto achamo-nos agora em tão luzido concurso, ai está e ai ficará para atestar aos posteros que os pelotenses amam a instrução da mesma maneira porque se deve amar a liberdade.

Este monumento - esta Bibliotheca. conjuntamente com suas escolas, em breve, pela nunca desmentida generosidade deste povo, constituirá uma de suas maiores glórias.

Sim, a ideia desta instituição nasceu dele, por ele realizou-se e com ele se perpetuará na memória dos tempos. [...]

Concorramos pois, sem distinções de sexos, nem preconceitos de posições sociais, para multiplicar os meios da instrução popular consorciada com a ed. nacional, tem sido a base, a fonte das grandes civilizações no decorrer dos tempos. [...]
(CORREIO MERCANTIL, 23 abr. 1881)

No discurso proferido por Rita Lobato fica mais evidente o caráter de popular dado (ou esperado) à Bibliotheca. Também ficam evidentes possíveis conflitos de gênero e de classe social presentes na sociedade pelotense quando a jovem solicita: “concorramos, pois, sem restrições de sexos, nem preconceitos de posições sociais”.

A transcrição no jornal dos discursos realizados pelas mulheres demonstra a participação feminina e o reconhecimento da opinião das mulheres na esfera pública da cidade de Pelotas no final do século XIX. Esse fato merece atenção, pois enquanto se discutia o que a mulher poderia ler, que ambientes poderia frequentar, algumas mulheres pelotenses tiveram espaço para defender a construção de um local para a promoção da leitura do povo.

Verifica-se o quanto a participação das mulheres na discussão sobre a criação de uma Bibliotheca é significativa, visto que alguns anos antes, 1875, era discutido se as mulheres, juntamente com as crianças, deveriam frequentar uma biblioteca específica para senhoras, como se observa no excerto:

Quero chegar à necessidade de uma biblioteca para senhoras, onde elas possam ler alguma coisa profícua,

a sua felicidade doméstica, a sublime aspiração do sexo formoso; onde possam ler o Aimé Martin, o Paul-Jeannet, o Gasparin, ou Garret e tanta coisa que autores ilustres e mulheres instruídas tem escrito sobre a educação.

(CORREIO MERCANTIL, 8 jan. 1875)

Ao que tudo indica, no princípio, a Bibliotheca atendia apenas homens e oferecia cursos noturnos para os trabalhadores da cidade. Peres (1995) apresenta detalhadamente isso na dissertação intitulada “Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense: 1875-1915”. Na dissertação, a pesquisadora descreve como se deu a criação da biblioteca com ênfase nos cursos noturnos oferecidos pela instituição.

Nas décadas de 1880 e 1890 verificam-se alguns indicadores de abandono pelo qual passava a biblioteca. Em relatório anual de 1885, publicado no Correio Mercantil de 11 de janeiro de 1886, pode-se visualizar que a frequência de visitantes havia sido reduzida em relação ao ano anterior, quando passou de 7.003 para 4.693 visitantes. Ao observar o relato sobre as obras consultadas, chama a atenção à descrição das obras:

Eis o numero de obras consultadas durante o anno:
Janeiro 139, fevereiro 121, março 115, abril 188, maio 113, junho 174, julho 294, agosto 219, setembro 168, outubro 152, novembro 180, dezembro 122.

Versaram essas obras sobre philosophia, linguistica, didactica, ciencias physicas e naturares, litteratura propriamente dita, novellas, romances, poesias, etc.

Lamento que não tenha sido maior o numero de obras consultadas, porquanto a nossa bibliotheca possui já

avultadíssimos thesouros onde a mocidade estudiosa póde adquirir grande cópia de conhecimentos, necessarios a quem se dedica á honrosa carreira das letras.

Havia aqui uma classificação das obras pelo assunto e gênero, na qual se destaca a categoria “literatura propriamente dita” em comparação com novelas, romances e poesias.

Percebe-se um lamento em relação à baixa procura pela Bibliotheca e um incentivo à visita e utilização daquele espaço, ou seja, de acordo com o relatório, o espaço previsto para a realização da leitura não estava sendo utilizado como se esperava.

Nota-se que havia picos em relação ao número de obras consultadas, sendo julho e agosto os meses em que se retiraram mais livros, meses de frio e chuva, talvez próprios para se ficar em casa fazendo leituras.

Verifica-se que os meses de dezembro, janeiro, fevereiro, março e maio foram aqueles em que houve menos consultas. Considerando a possibilidade de que os livros da biblioteca tenham sido usados para leitura de lazer e também para estudos, pressupõe-se que o número de empréstimos tenha diminuído em virtude de que os estudantes estariam em férias, ou ainda, nesses meses mais quentes, as pessoas poderiam procurar outros divertimentos ao ar livre, ao invés da leitura em casa ou na biblioteca.

Considerações finais

Não se pode dizer que apenas os textos, tanto escritos como em forma de ilustrações, publicados nos jornais refletem exatamente a história da leitura de Pelotas no final do século XIX. Mas não se pode negar que esses textos indicam discursos, que tiveram temáticas e conteúdos escolhidos e outros silenciados. Esses textos foram compostos por enunciados que constituem discursos e representações daquilo que se pretendia transmitir e que se poderia ler. Sendo assim, a imprensa não fazia uma imposição sobre o que pensar, mas ao repetir sobre um tema, sugeria sobre que temas o pelotense poderia refletir. Assim, a imprensa de Pelotas do final do XIX além de procurar informar, dialogava, interagia e instigava a reflexão sobre o ato de ler.

Ao analisar os relatórios, notícias e comentários sobre a BPP nos jornais pelotenses, se verifica que essa biblioteca foi e continua sendo uma das principais instituições culturais da cidade de Pelotas e do país, tanto pelo acervo que guarda quanto pela sua participação na história da leitura.

Acompanhar a movimentação para a criação da Bibliotheca e sua manutenção possibilitou conhecer aspectos de uma comunidade que se preocupava com o livro e com o espaço destinado à leitura. Vê-se na criação da Bibliotheca Pelotense a materialização de uma cultura de valorização da leitura, dentro de uma sociedade que visava promover o seu desenvolvimento intelectual. Como afirma Peres (1995, p.89), a Bibliotheca Pública Pelotense “também teve um caráter de associação literária - lá

aconteciam conferências públicas, defesas de “teses” sobre os mais variados temas, funcionavam clubes e sociedades literárias - de escolas -, além dos cursos noturnos”. Contudo, vale salientar que a Bibliotheca Pública Pelotense não era a única iniciativa de sociedade voltada à cultura das letras, pois ela estava inserida em um movimento maior para a criação de associações literárias.

Referências:

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

GONÇALVES, Renata Braz. *Livros e Leitura na Cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos Jornais Pelotenses (1875-1900)*. 2010. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

LONER, Beatriz. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em Revista*, Pelotas, v. 8. 2002.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora UFPel, Livraria Mundial, 1993.

PERES, Eliane. *Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense: 1875-1915*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

PERES, Eliane. *Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1925)*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço na leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp, 2005.